



## A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA<sup>1</sup>

### THE REVOLUTION WILL NOT BE TELEVISED

Mário Francis Petry Londero<sup>2</sup>

Simone Mainieri Paulon<sup>3</sup>

**Resumo:** Este ensaio versa sobre a escuta no cuidado em saúde mental e suas estratégias de resistência em relação à sociedade capitalista de biopoder. A partir de análises compostas por filmes, sobretudo o italiano *Si Può Fare*, e por conceitos advindos da esquizoanálise, da filosofia foucaultiana e da clínica psicanalítica, propõe-se uma reflexão sobre as práticas de cuidado oriundas da Reforma Psiquiátrica e as tensões que elas produzem em um contexto demasiadamente normatizador dos corpos. Sustentada em uma leitura genealógica, a reflexão problematiza o cuidado ofertado nos serviços substitutivos de saúde mental permeado pelas forças manicomialis, para se trabalhar com a ideia de assujeitamento ao outro. Propõe-se, por fim, entender como as forças regulamentadoras e inventivas da vida interpelam e se articulam na escuta clínica.

**Palavras-chave:** Cinema; Escuta Clínica; Biopoder; Reforma Psiquiátrica.

**Abstract:** This essay deals with listening in mental health care and its strategies of resistance to the capitalist society of biopower. A reflection is proposed on the care practices arising from the Psychiatric Reform and the tensions they produce in an overly normative context of bodies. An analyzes composed by films, specifically the italian *Si Può Fare*, was based on concepts derived from schizoanalysis, foucauldian philosophy, and psychoanalytic clinics. A reflection on the problematization of the care offered in the substitutive services of mental health permeated by the asylum forces is sustained in a genealogical reading, to work with the idea of subjection to the other. At last, it is proposed

---

<sup>1</sup> Alusão ao documentário que mostra os bastidores do golpe de Estado sofrido por Hugo Chávez, em 2002, na Venezuela. O filme registrou o quanto a televisão venezuelana, dominada por uma oligarquia burguesa, não só apoiou o golpe como não televisionou o retorno de Chávez ao poder três dias depois. A revolução, literalmente, não foi televisionada. Direção de Kim Bartleyl e Donnacha O'Briain, Irlanda, 2003.

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia Social e Institucional (UFRGS) e especialista em Saúde Mental pela Residência Integrada em Saúde (GHC). Atualmente participa do grupo INTERVIREs de pesquisa-intervenção em Saúde Mental e Cuidado em Rede junto ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da UFRGS. E-mail: [francislonder@hotmail.com](mailto:francislonder@hotmail.com) orcid.org/0000-0003-2239-3899 ResearcherID: V-6997-2018

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP) e professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde coordena o grupo INTERVIREs de pesquisa-intervenção em Saúde Mental e Cuidado em Rede junto ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social. E-mail: [simone.paulon@ufrgs.br](mailto:simone.paulon@ufrgs.br) orcid.org/0000-0002-0387-1595 ResearcherID: V-7006-2018

understanding how the regulatory and inventive forces of life interpellate and articulate themselves in clinical listening.

**Resumen:** Movie. Clinic Listening. Biopower. Psychiatric Reform.

## INTRODUÇÃO

Apesar deste ensaio se apresentar com o nome da obra cinematográfica que narra a tentativa de golpe e o retorno logo em seguida de Chávez à presidência venezuelana, o texto enfoca um outro longa-metragem, traduzido para o Brasil como “Dá pra fazer<sup>4</sup>”. Todavia, o título, e mesmo o processo desenrolado no documentário chavista, é uma espécie de analogia que podemos utilizar para analisar o filme italiano em que o personagem Nello é um dos protagonistas junto a uma cooperativa de “ex-loucos” recém-saídos das grades manicomiais, ao menos em seu sentido concreto. As duas películas testemunham a tentativa de tornar invisível aquilo que a maquinaria social capitalística percebe como ameaça às suas regulamentações e contratos instituídos. Da mesma forma, ambas desenvolvem potentes narrativas no que tange à produção de resistência e de invenção frente ao capital e suas regulações. Os que estão à margem, seja Nello e seus companheiros “ex-loucos”, seja a população pobre venezuelana, volta e meia, conseguem em seus nomadismos, romper os muros e invadir o centro do tabuleiro no jogo de forças. São ambas, portanto, narrativas de movimentos que produzem outramentos nos processos identitários e em tudo que se encontra instituído.

A reforma psiquiátrica “não será televisionada” ou, “dá para fazer” revolução revirando a máquina capitalista do avesso, são misturas cinematográficas apropriadas quando se trata de pensar uma escuta clínica disposta a problematizar a subjetivação modulada de uma sociedade do biopoder. Trata-se, pois, de pensar os processos de subjetivação atrelados a um Estado que adota uma estratégia de controle marcada por um registro disciplinar e, que ao mesmo tempo, incentiva a criação de condutas regulamentadas, livres como um cão que passeia com seu dono pelas ruas levando sua coleira pela boca. Este biopoder, que incide sobre o corpo-indivíduo e o corpo-espécie (FOUCAULT,

---

<sup>4</sup> *Si può Fare*, filme italiano traduzido para o Brasil como “Dá prá Fazer”, é uma película lançada em 2008, dirigida por Giulio Manfredonia e escrita pelo diretor com Fabio Bonifacci. Sua trama é inspirada nas histórias de cooperativas italianas que surgem nos anos oitenta do século passado e que tinham a intenção de reinserir no social, através do trabalho, os antigos internos dos hospitais psiquiátricos, liberados com a revolução basagliana que em 1978 consolida-se em Lei determinando a extinção dos manicômios de toda Itália.

2010), produz uma subjetividade mínima como Pelbart (2013) comenta, uma subjetivação de baixa intensidade, orgânico-corpórea, na qual o sujeito fala de si a partir de seus aspectos biológicos-comportamentais, escasso de marcas subjetivas para responder sobre si mesmo, ordenado como um rebanho sem sobressaltos, sem diferenças ameaçadoras da ordem.

Diante deste contexto, intencionamos pensar a escuta clínica como uma ética que desvie de tal emaranhado institucional, na tentativa de construir espaços de cuidado sensíveis ao singular. Neste sentido, partindo de autores que pensam a clínica psicanalítica e a filosofia esquizoanalítica, temos por objetivo pensar o ato de escuta como prática de cuidado aproximada ao modo que Nello conduz a gestão da cooperativa feita por “ex-loucos”. A proposta é de distinguir e problematizar o cuidado manicomial, disciplinador dos corpos, a partir de uma outra lógica de cuidado, exercida contra a regulamentação dos corpos e voltada à potencialização e afirmação do singular de cada um na dinâmica social da qual pertence.

Para pensar esta escuta clínica em meio aos mecanismos do biopoder e do processo de assujeitamento que isto impele, o ensaio pinça algumas cenas do filme “Dá pra fazer” para relacioná-las com análises baseadas em conceitos advindos da clínica psicanalítica em sua composição com a esquizoanálise. A ideia dessa composição parte do entendimento de que a produção de imagens-narrativas se impõem no contrafluxo do instituído e se fazem estratégicas quando tratamos de pesquisar as relações de forças que nos atravessam, que compõem a escuta clínica e as práticas de cuidado que perpassam a rede de assistência à saúde mental.

## **O OUTRO ASSUJEITADOR: NELLO E OS “EX-LOUCOS” EM MEIO AOS MECANISMOS DE CONTROLE**

Nello transita por ruas italianas a bradar seus ideais radicais de esquerda que, aos poucos, perdiam o colorido antes avistado pela classe operária. Sua ética, seu apelo por uma sociedade igualitária, não faziam mais o mesmo eco quando o capitalismo venceu a guerra entre as polaridades capitalista e socialista. Mesmo que a vitória tenha sido comprada, o capitalismo tornou-se o grande campeão.

Nosso personagem é apagado do espaço social, tragado pelas forças capitalistas que oferecem um mundo supostamente sem classes,

socializando uma máquina de consumo que atinge qualquer classe, gênero e etnia. Seu atrativo é universal, seja pelo consumo de objetos concretos ou de imagens-fluxos-simbólicos, o capitalismo, definitivamente, toma a dianteira do mundo. Todos são fígados pela ideia de que podem comprar o que desejarem, mesmo que sejam consumidos antes mesmo de conquistarem o desejo propagandeado. Nello tem que se submeter, seu mundo parece não existir mais, sua voz não é mais escutada, ele sofre, seus ombros caem ao ponto de parecer se esconder frente ao fracasso da revolução. E diante de tal tragédia, ainda, seus antigos camaradas não o aguentam mais no sindicato, o que acaba por provocar o seu afastamento devido às suas ideias caducas, nada convencionais para o futuro que o capitalismo ofertava. Até mesmo os trabalhadores dão as costas aos sindicatos, preferem virar empresários de si.

Nello não tem escolha, enfraquecido, assujeitado pelas forças capitalistas que o dobram, assim como a todos os outros sujeitos que já tinham desistido de fazer diferente do que o capitalismo pregava, fica “pregado”. Nosso comunista está amarrado por formas instituídas que pairam no ar como subjetivação dominante e que nos apontam como seguir, ao mesmo tempo, em que absorvem forças instituintes que resistam aos seus ditames, o desviante muitas vezes vampirizado pelos mecanismos de poder. Nello perde suas forças, é sugado pela máquina imperialista. Sem emprego, sem esperança, inclusive sem dinheiro, necessita de outro trabalho para se sustentar. A submissão a este outro capital lhe pesa os ombros.

Em um outro canto da cidade, “ex-loucos” sofrem para se manterem fora do manicômio. Mesmo que tal lógica de cuidado tenha sido extinguida a partir da Lei Bassaglia, na Itália, ela continuou a pairar no imaginário social, sobretudo nos corpos daqueles que por anos tiveram seus desejos trancafiados por uma instituição que institucionalizava o corpo e a alma de cada um de seus residentes. Nesta modalidade de cuidado, o desejo vai minguando, fica mínimo, com o sujeito que sofre esta interdição do desejo apenas sobrevivendo no decorrer da vida. Vida mínima, corpos-zumbis, o manicômio é máquina moedora de subjetividades díspares. Ao que parece, o manicômio persiste e existe, mesmo que agora de maneira invisível, sem necessitar mais da grosseria dos velhos muros manicomiais. Pelbart (1991) nos comenta dos manicômios mentais, categoria de controle atual que injeta em cada corpo um Eu construtor de barreiras entre si e o que lhe

afrontar com singularidades demasiadamente extraviadas em relação à regulamentação da vida pautada pela biopolítica (FOUCAULT, 1975-1976/2010).

Os “ex-loucos”, o que não é sinal de estarem livres dos estigmas e com o sentimento de pertencimento social, agora trabalham em uma empresa destinada a fazer pequenos trabalhos para o correio, nos escombros onde antes funcionava o hospital psiquiátrico. Acompanhados pelos psiquiatras e suas medicações, de maneira vagarosa e com uma monotonia de quem entendia que pouco importava o que se produzia naquele trabalho, os “ex-loucos” brincavam de trabalhar.

Sabiam que ninguém tinha interesse em seus afazeres, apresentavam consciência de suas limitações e incompetências para com um “trabalho realmente normal”. Os trabalhos realizados não passavam por uma avaliação crítica, podiam fazer de qualquer forma, pois sabiam que continuariam a realizar essa tarefa ocupacional que os “incluía ao espaço social”. Aos olhos dos psiquiatras, a incapacidade deles para o trabalho era atestada a partir de um simples aspecto: nunca conseguiam padronizar o lugar exato para a colagem dos selos. A cada carta, o selo era colado em um lugar sem qualquer significado aos olhos dos que detinham a razão.

“Ex-loucos” submetidos ao poder manicomial eternamente, seja com muros ou sem muros, apresentavam o estigma de incapazes, desamparados frente aos ditames excludentes que indicavam como deveriam se portar para que a relação com a sociedade não piorasse. Foram perguntados se desejavam realizar o trabalho a que eram submetidos? Fazia sentido para eles? “Onde está Franco?”<sup>5</sup> Essa é a pergunta e o nome abreviado do documentário de Luis Antonio Baptista, que percorre com um “ex-louco” a sua vida pós-saída de um manicômio italiano. Franco, o “ex-louco”, sente em si as grades manicomiais ainda presentes mesmo estando solto. Ele diz querer ter amigos, querer trocar afagos, quiçá ter um amor, porém, sua velocidade corporal, presa aos anos de institucionalização da loucura, não se adapta ao ideal desse outro que o acolhe na sociedade. Vidas invisíveis agora sutilmente escondidas em vez de aprisionadas. Franco, assim como os “ex-loucos” do “Dá pra fazer”, também tem consciência de suas limitações e incompetências para circular de cabeça erguida pela “sociedade realmente normal”. A desfaçatez impera nesta cultura que

---

<sup>5</sup> “Ma dov’è Franco?” Filme documentário de Luis Antonio Baptista, realizado na Itália, 1997.

suporta cinicamente às diferenças. Nesses arranjos relacionais de poder ninguém fica de fora, e mesmo aqueles que são submetidos a partir de sua própria exclusão - à exclusão pela inclusão, diria Agamben sobre a operação que ocorre no “Estado de exceção” (2004) – são alcançados pelas malhas dos mecanismos de poder.

Loucos, “ex-loucos”, pobres, comunistas, todo minoritário é excluído da lógica dominante ao mesmo tempo em que é submetido a ela. Podemos pensar a partir de Butler<sup>6</sup> (1997, p. 18) que isso ocorre, também, por conta de que, de alguma forma, é preferível “existir na subordinação do que não existir”. Para se fazer sujeito, mesmo sendo um errante e excluído, é preciso ser submetido aos mecanismos subjetivos do poder instituído e dominante. O sujeito só existe a partir do reconhecimento social, nem que seja um reconhecimento que o estigmatiza, ou seja, ele só é morador de rua, delinquente ou louco à medida que existe um aparato jurídico-psiquiátrico-estatal que atesta/julga tal comportamento e diagnóstico. Neste sentido, a “subordinação é algo fundacional” para que exista a inauguração de uma consciência de si (BUTLER, 1997, p. 16). “Desejar as condições da própria subordinação é então um requisito para persistir na existência de si mesmo” (BUTLER, 1997, p. 20), posto que, também, somente emergindo uma consciência de si nessa relação de poder é que se pode fazer frente, resistir ao que subordina de maneira tão acachapante.

Parece esse o motivo do desamparo já tão trabalhado por Freud (2010), em “O Mal-estar na civilização”, isto é, a partir do momento que compramos a ideia de sermos civilizados, também somos submetidos às leis que acabam por cercear quaisquer singularidades que se apresentem para o campo social de maneira mais intempestiva. Precisamos da subjetivação dominante para sermos sujeitos, mas desejamos também ficarmos libertos de tais amarras, como poetara Fernando Pessoa, na pena de Bernardo Soares (2006, p. 80): “Não sente a liberdade quem nunca viveu constrangido”.

Como gerir essa dissonância entre o sujeito assujeitado e a sociedade que o submete? Sobretudo àqueles que são assujeitados na posição de excluídos no Estado de biopoder, como suportar e tensionar tais mecanismos de controle?

Nello e os “ex-loucos” sabem bem o peso disso e o alarmante desamparo que presenciam. O primeiro, ficando raivoso a cada grito

---

<sup>6</sup> As citações foram traduzidas do espanhol para o português pelos autores do texto.

idealista que não é escutado por seus companheiros, os segundos, já anestesiados pelos gritos que se imprimiram sobre eles, ficam dóceis, quase moribundos de desejo. Entretanto, mais uma vez com Butler, podemos fazer a seguinte questão para dar seguimento às reflexões que o filme nos traz com o seu desfecho: “Se a subordinação é a condição para a possibilidade de potência, como podemos conceber estar em oposição às forças de subordinação (BUTLER, 1997, p. 21)? Como poder resistir à subordinação se é ela que nos torna sujeitos? Como imprimir força contra esse poder instituído que percorre os movimentos da vida? Nello e os “ex-loucos” não têm saída? Deverão silenciar realmente seus desejos destoantes em um meio social capitalístico prenhe de manicômios a céu aberto?

A partir de Foucault, segundo Butler (1997, p. 12), “podemos entender o poder como algo que produz o sujeito, sendo uma condição de existência e de trajetória para o desejo”. O poder e os modos de subjetivação são capilares (FOUCAULT, 1979), uma rede movente instituída e instituinte que percorre toda a corporeidade da sociedade. As malhas do poder envolvem o sujeito desde seu nascimento, emaranhando-o em uma teia que conduz o desejo e que produz estados de autocontrole sobre si mesmo a partir do que vimos do biopoder. Há toda uma arquitetura de controle que tenta extinguir o desejo anômalo, feito à maneira singular. Já Lacan, próximo ao que Foucault comentara acima, trabalha o desejo sempre em mediação com a lei, com aquilo que estrutura, barra e produz o inconsciente, isto é, com o outro em sua posição de apresentador da linguagem para o sujeito:

Desde então, o desejo do outro, que é o desejo do homem, entra na mediatização da linguagem. É no outro, pelo outro, que o desejo é nomeado. Entra na relação simbólica do eu e do tu, numa relação de reconhecimento recíproco e de transcendência, na ordem de uma lei já inteiramente pronta para incluir a história de cada indivíduo. (LACAN, 2009, p. 234)

Contudo, mesmo diante de tal paisagem social nos processos de subjetivação, é neste esforço das instituições de controle e de suas leis em silenciar o inconsciente e em barrar o desejo, que a maquinaria desejanse pulula e salta revolta dos trilhos densamente expostos pelo biopoder, esse outro mediador do desejo na atualidade. Há que se compreender que “mesmo as mais repressivas e mortíferas formas da

reprodução social são produzidas pelo desejo” (DELEUZE & GUATTARI, p. 46), cabendo, então, aos sujeitos e coletividades assujeitadas criarem desvios singulares ao que está instituído na tentativa de controle do inesperado. É pelo desejo que um produto emerge e se constitui, mas é também pelo desejo que a produção desejante fura e abre brechas no produto instituído. Enquanto há vida existem possibilidades de resistência frente ao que submete o desejo de maneira mortífera e, mesmo os sujeitos desterritorializados – pela inclusão feita para sua própria exclusão – podem emitir outros tons para o maciço cinza que paira no ar com poucos solavancos trazidos pela diferença.

Inclusive, as coletividades, o nomadismo, os sujeitos mais anômalos, são os que parecem possuir a chave de abertura para torções e desterritorializações no próprio capitalismo. Afinal, não serão os “cidadãos de bem” que trarão novidades desterritorializantes frente a um capitalismo de biopoder. Assim, “ao mesmo tempo em que a discursividade nos guia, nos força um caminho, dependemos dela para poder resistir e produzir outras discursividades” (BUTLER, 1997, p. 12). Eis o desafio posto para o encontro entre o comunista idealista e os “ex-loucos”, ainda aprisionados pelos manicômios sem muros que seguimos criando.

## **O ENCONTRO CINEMATOGRAFICO COM A CLÍNICA: O DESTERRITORIALIZAR DO ASSUJEITAMENTO**

Qual papel pode uma pessoa que não fala e cujo currículo é miserável em uma sociedade?

O Presidente - Você será o Presidente! (Nello)

Nello e os “ex-loucos” estão em uma condição pela qual ficam desapropriados de expressarem seus desejos, pois a legitimidade de suas falas estão mingüadas. Com as relações reguladas pela normatização das subjetivações dominantes, a dupla de personagens acima citada, não possuía espaço para circular, sendo o minoritário extravagante de ambos desinteressante para a discursividade majoritária.

Por um acaso, tais forças minoritárias se encontram a partir do momento em que Nello, sem emprego, aceita coordenar a cooperativa dos “ex-loucos”. Não são fáceis os primeiros encontros, Nello não entendia de loucura e tratava todos de maneira igual, sem restrições, o que assustou os trabalhadores da cooperativa acostumados a não terem suas opiniões consideradas. No entanto, com o passar dos dias, Nello e



os “ex-loucos” passaram a se entender. Nello apostava na radicalidade da cooperativa, na qual todos têm voz e projetam o futuro da associação de maneira coletiva e democrática. Os “ex-loucos” começaram a se surpreender quando, escutados em suas singularidades e convocados por Nello a se expressarem, passaram a proferir suas ideias e desejos diante daquele coletivo que pouco a pouco ganhava forma de “trabalho real”, ao mesmo tempo em que se distanciava do amordaçamento manicomial. As mordanças invisíveis que até então imperavam naquele estranho coletivo lentamente pareciam afrouxar seus nós.

Conquistada a confiança dos “ex-loucos”, o coordenador observara que os selos colados de qualquer maneira nas cartas tinham uma lógica nunca antes vista pelos homens da razão, no caso, os psiquiatras antigos. Uma dupla de “ex-loucos”, na verdade, colocava os selos em uma sequência que produzia um movimento, lembrando os desenhos sequenciais das animações. Nello, ao perceber isso, viu potência onde até então só restava um olhar piedoso e desqualificador pela incompetência de colar selos de maneira “correta”. Percebeu que existia vida desejante naqueles “ex-loucos”, avistou criatividade em suas ações desregradas e que ainda, sarcasticamente, debochavam dos “senhores da loucura”.

Acreditando nos ideais socialistas que indicavam um compartilhamento realmente igualitário das opiniões dos sócios, produz-se, a partir daí, uma verdadeira revolução na empresa. Todos tinham voz, mesmo aqueles que já não falavam ou que, em sua condição até então de reles moribundos, pouco acreditavam em si mesmos. No calor das discussões e no renascimento do desejo de um “ex-louco”, surge a seguinte frase: *Não tenho ideias, nem ideia, vazjo total!* Cada qual com seu desejo fora de lugar, iniciava a compor um desenho coletivo de um caminho a ser trilhado pela empresa. Nasce, assim, uma cooperativa que agrega desejos já esquecidos de “ex-loucos” mortificados pelo manicômio e substitui as esmolos assistencialistas por um “trabalho de verdade”, direcionando cada um a atividades adaptadas às singularidades que emergiam no processo de trabalho. Um foi ser o motorista, o outro o planejador das ações, alguns instalavam os pisos, uma outra era a secretária, arranjaram até mesmo um presidente. *Quando alguém está dormindo, é preciso acordá-lo!*, enaltecia Luca ao provar novamente a vida com ares ativos e não ressentidos. Afinal, as forças ativas, nas palavras de Nietzsche (2003, p. 13), são injustas, desejam o esquecimento do “que se

encontra atrás [...] e só conhece[m] um direito, o direito daquilo que deve vir a ser agora”.

Nisto reside a delicada beleza do “Se Può Fare”: “Dá pra fazer” outros mundos, vislumbrar vida lá onde antes só pareciam existir encontros que a fazem minguar. Como analisado por uma crítica de cinema italiano, por ocasião do lançamento do filme (MARSICO, 2008), Nello sabia tirar o melhor de cada um de seus sócios, mas para isto o maior desafio seria “superar a desconfiança do ‘louco’ (não como um estúpido, como enfatizado por Luca, um dos protagonistas), acostumado a ser tratado quase como plantas (para ser preenchido com sedativos em vez de fertilizantes)”. Neste sentido, a analista da sétima arte traça um paralelo entre a produção italiana e o premiado filme de Milos Forman, “Um Estranho no Ninho”, pois entende que ambos ajudam a pensar no louco não simplesmente como um fora de lugar, usurpador de espaços dos outros, mas como alguém que pode “construir seu próprio ninho de afeições e interesses”, quando acolhido naquilo que pode (MARSICO, 2008).

Ao apostar que é possível uma ética de escuta que ultrapasse os modos manicomiais, diluem-se, inclusive, seus escombros que habitam fantasmagoricamente nossas mentes sempre tão permeadas de instituído. Com belas imagens, ricos diálogos que contemplam tentativas de produzir vazamentos nos processos de mortificação que se operam no sujeito quando demasiadamente submisso ao outro, o filme vai afirmando novos possíveis. Em uma das cenas mais marcantes que deságua na solidificação da cooperativa, Nello propõe seus ideais cooperativos, nos quais todos que trabalhavam ali teriam o direito de colocar seus desejos e expressar suas ideias. Neste momento, instala-se um abismo entre o modo hegemônico de trabalho na produção capitalista, a que estes como todos demais trabalhadores sob a égide do capital estão submetidos, e o modo cooperativo de produção daquele coletivo. Produz-se ali uma resistência inventiva que aposta na potência possível a cada um e a todos, investe no coletivo aberto às multiplicidades e atento às singularidades, características tão pouco afeitas à lógica do individualismo contemporâneo e até ali tão esquecidas pelos “ex-loucos” tidos como páreas sociais em suas vãs tentativas de corresponderem ao olhar normatizador do outro.

Sob a ótica artística de Manfredonia e Bonifacci, é possível analisar o lugar do outro na instituição manicomial como sendo o detentor da verdade sobre cada sujeito ali alienado. Em contraponto a

esse lugar mortificador característico da instituição manicomial em sua ortopedia social, os cineastas italianos nos emprestam seus olhares sensíveis ao diferente, atentando para uma escuta clínica afinada aos princípios da Reforma Psiquiátrica basagliana sintetizado na máxima enunciada por seu mentor de que “A liberdade é terapêutica”. O outro aparece no enredo como instância que dá passagem a questões para o sujeito poder transitar pelo desejo. O outro, nesta perspectiva, não aponta verdades, mas abre um intervalo na submissão para que o sujeito se interogue e produza o mundo e a si mesmo de maneira inventiva e afirmativa. “Resta ao sujeito bancar sua palavra, seu próprio nome, construir seu destino” (KEHL, 2002, p. 162). Esta ética de responsabilização do sujeito por seu desejo, tão cara à clínica psicanalítica quanto à clínica institucional inspiradora da Reforma Psiquiátrica brasileira, só se realiza quando o cuidador escamoteia a si mesmo, desterritorializando-se de seu Eu prenhe de regulamentações, como aponta o psicanalista:

[...] que o analista recuse ao sujeito a sua angústia, a dele analista, e deixe nu o lugar onde ele é convocado como outro a dar o sinal de angústia. [...] escamotear a si mesmo na relação com o outro, de qualquer suposição de ser desejável. (LACAN, 2010, p. 449)

Deixar passar as angústias e sofrimentos daquele que está a escutar, sem moralidades que possam se sobrepor ao desejo de quem recebe o cuidado, implica, em termos lacanianos, que o clínico/cuidador possa se colocar neste lugar do vazio, plano do real, em que se passa a transferência. Lugar do inominável, do ainda não advindo do ato utópico, que incita à criação de novos sentidos. O real, um dos três registros (Simbólico, Imaginário e Real) que constituem a realidade humana, é compreendido como aquilo que não vinga nomes, lugar sinalizado pela angústia, vazio de significantes, o inapreensível que resiste em ser furado pelo registro do simbólico, mas que também é fonte de invenção do sujeito (Lacan, 2007).

É muito belo observar no filme o renascimento dos sujeitos antes mortificados, sem expressão, e que começam a explorar a surpresa do desejar, em um deslizar pelas “fronteiras de um mundo que está se avizinhando” (BLOCH, 2005, p. 126) – o “ainda não utópico” que se contrapõe à petrificação daquilo que “já é”, expressão da burocratização da vida. A doença, vista como algo que inabilitava o sujeito a ter desejos,

torna-se potência para a produção coletiva da empresa de cunho cooperativo. A doença transmuta-se em questão para a vida e não é taxada como uma sentença de morte. Essa parece ser a ética da escuta clínica, do cuidado no cotidiano da Reforma Psiquiátrica: abrir espaço para o desejar no que ele tem de singular, em um processo irruptivo que contra golpeia a dureza do biopoder assujeitador dos corpos em suas forças reativas. Tal potência desejança, quando contada em forma de arte, permite apostar nas forças regeneradoras da vida, e com elas acreditar que *Si Può Fare* a vida mais bela.

### Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Tradução de Iraci D. Poleti. Segunda edição, São Paulo: Boitempo, 2004 (Estado de sítio).

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança I**. Tradução Nélío Schneider. ED. UERJ – CONTRAPONTO. Rio de Janeiro, 2005.

BUTLER, Judith. **Mecanismos psíquicos del poder: teorías sobre la sujeción**. Ediciones Cátedra Universitat de València – Instituto de la Mujer, 1997.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução Maria Ermantina Galvão. Segunda edição – São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KEHL, Maria Rita. **Sobre a ética da psicanálise**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23: o sinthoma**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [tradução Sergio Laia; revisão André Telles]. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; [versão brasileira de Betty milan]. Segunda edição – Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 8: a transferência.** Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira de Dulce Duque Estrada; revisão de Romildo do Rêgo Barros]. Segunda Edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARSICO, Arianna. **Si Può Fare:** Giulio Manfredonia, 2008. Disponível em: <https://www.mescalina.it/cinema/recensioni/giulio-manfredonia/si-puo-fare>. Acesso em 28 abr. 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida.** Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003.

PELBART, Peter Pál. Manicômio Mental – a outra face da clausura. In Antonio Lancetti (Org.). **Saúde e Loucura 2.** Quarta edição, Editora HUCITEC, p. 131-138, 1991.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento.** São Paulo: N-1 Edições, 2013.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa.** Organização – Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

**Recebido:** 18 de julho de 2018

**Aprovado:** 01 de setembro de 2018